

## INAUGURAÇÃO DO ARQUIPÉLAGO – CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS

Ribeira Grande, 29 de março de 2015

### *Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro*

Inauguramos hoje um equipamento que, como poucos, deve ter como marca identitária da sua existência ser um espaço de liberdade, de criatividade, de vida. É também esse o sentido e o alcance da entrada em funcionamento do Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, que hoje assinalamos simbolicamente com esta cerimónia, bem como do investimento público que o permitiu.

Importa, por isso, e que, desde já, se esclareça o que espera o Governo dos Açores como frutos deste novo equipamento cultural. E para fazê-lo permitam-me que dê a palavra a Eça de Queiroz: “Na arte, a indisciplina dos novos, a sua rebelde força de resistência às correntes da tradição, é indispensável para a revivescência da invenção e do poder criativo, e para a originalidade artística”, fim de citação.

Este seria um bom lema para este espaço. Digno da ambição dos fins que ele pretende servir e digno, igualmente, da ambição que constituiu a decisão de o construir. Sejam, pois, muito bem-vindos a este novo equipamento cultural, o nosso Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas.

Queremos, também, que ele seja um polo agregador de diferentes linguagens artísticas, cada qual com as suas características e intencionalidades próprias, permitindo não só aos residentes, mas também aos nossos visitantes, o contacto com a contemporaneidade artística.

Detentor de uma pluralidade de missões, consubstanciadas no trabalho em rede e em parceria com outras entidades e instituições culturais, o Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas promove, na sua criação, o gosto pela arte, pela cultura em geral, o contato com a produção artística contemporânea, a educação cultural de públicos futuros, com enfoque junto dos mais jovens, a internacionalização dos artistas regionais, através da pertença a redes de parcerias internacionais, a exibição de exposições e obras de arte, o apoio à criação na disponibilização de meios e infraestruturas para a produção cultural, entre muitas outras áreas de intervenção.

Em tudo isto é fundamental que ele esteja agora, como já esteve no passado nas suas outras funções, comprometido com os Açores e com os Açorianos e é por isso que é justo, neste momento, lembrar os homens e as mulheres que aqui ergueram a então Fábrica de Destilação Ribeiragrandense. Uma indústria - a do álcool - que junto com mais duas fábricas, na Lagoa e em Santa Clara, foi sinónimo de uma nova indústria na Região e

trouxe um novo alento aos Açorianos depois de uma crise económica provocada pelo fim do ciclo da laranja.

Fazê-lo aqui, no concelho da Ribeira Grande, é mais um testemunho prático e concreto da diversificação geográfica dos investimentos públicos, sejam eles económicos, sociais ou culturais.

Mas outros exemplos poderiam, igualmente, ser invocados. Em 2015, temos o projeto de defesa e valorização do nosso património arquitetónico e cultural, o qual contempla um conjunto vasto de obras, como a conclusão da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo, a primeira fase do restauro e remodelação do Núcleo de Santo André do Museu Carlos Machado ou a intervenção no Palácio da Conceição, em Ponta Delgada, destinado ao projeto da Casa da Autonomia, cujo concurso público será já publicado na próxima semana.

Mas também vamos investir em Santa Maria, no museu, na torre e no cinema do aeroporto, na Terceira, no antigo Hospital da Boa Nova, no Pico, em Santo Amaro, com a criação de um Núcleo Museológico da Construção Naval, onde estamos também já a proceder à recuperação da lancha “Espalamaca”, no Corvo, onde prosseguimos a implantação do projeto do Ecomuseu, entre tantos outros investimentos em todas as ilhas dos Açores.

Se, por um lado, queremos preservar a nossa identidade em todas as suas formas, devemos também - acredito que temos mesmo essa obrigação cívica enquanto gestores da coisa pública - não só descobrir mas, sobretudo, proporcionar ativamente a descoberta do novo, do contemporâneo, do atual. E vamos fazê-lo porque a Cultura e os seus agentes são mais-valias, são responsáveis por uma emancipação cultural que deve extravasar os limites da geografia e que, resultante de novos contatos interculturais, dá lugar a outras formas de diversidade e práticas culturais.

A diversidade cultural, tal como a identidade, funde-se com a inovação, com a criatividade, com a receptividade a novas influências. Exemplo disto mesmo são os festivais que já se realizam na nossa Região, como o Azores Fringe, festival internacional de artes com origem na ilha do Pico e que percorre outras ilhas dos Açores, ou o festival de arte pública Walk&Talk Azores, que tem trazido nomes destacados da arte contemporânea e novos talentos, ou ainda o festival de música Tremor, que decorre por estes dias em Ponta Delgada, entre muitos outros.

Também nesse domínio do contacto com novas abordagens e outras paragens, este „Arquipélago“ dará um relevante contributo, pois será um ponto de encontro no meio do Atlântico para a realização de residências artísticas literárias e outras atividades de intercâmbio com entidades externas.

É neste sentido que o posicionamento do „Arquipélago“ entre os continentes da América, África e Europa, com especial atenção para as regiões da Macaronésia, é uma inestimável mais-valia que o Centro de Artes Contemporâneas terá de potenciar para concretizar os seus objetivos de internacionalização.

Com tanto movimento cultural e com tanto potencial que pode ainda ser explorado podemos hoje orgulharmo-nos também pelo facto de não sermos apenas um destino de natureza, um local de tranquilidade, de bem-estar, mas de sermos também um arquipélago de Cultura.

Mas devemos promovê-la ainda melhor. Mostrar a quem nos visita a imensa riqueza que temos, de preservação, de requalificação e reconstrução de monumentos, museus, bibliotecas e núcleos históricos, para além da realização de eventos artísticos, culturais, educativos e formativos ou mesmo em colaboração com outras entidades, como a Universidade dos Açores.

O Turismo, na sua vertente cultural, cresce por todo o mundo. Não se trata de oferecer apenas entretenimento mas, sobretudo, de ampliar o conhecimento e a cultura de quem nos visita.

Há toda uma panóplia de ofertas que nós temos em todas as nossas ilhas, desde locais históricos, arqueológicos, obras artísticas, museus, casas de cultura, festas, gastronomia, artesanato, manifestações culturais típicas, feiras e mercados, eventos tradicionais, entre tantos outros.

Por tudo isso, é hora de convocar os agentes culturais de todas as áreas e setores. É hora de convocar os empresários e os autarcas das nossas nove ilhas para que nos ajudem a propiciar este intercâmbio entre culturas diferentes.

Quem nos visita vem à procura de novas experiências e ideias, de conhecer pessoas diferentes. É preciso maior esforço do que o mero passeio por entidades culturais. Mas é preciso o esforço de realmente induzir o conhecimento, apelando à criatividade e ao espírito crítico de todos.

É deste „Arquipélago“ que queremos projetar uma nova perceção de criação de riqueza e da importância da Cultura como projeto humanista que abarca a dimensão individual e coletiva de cada um de nós.

Seja este um projeto da Região, mais um, que contribua para o desenvolvimento social, para novas oportunidades económicas, para empresas inovadoras, competentes e livres. É, em suma, de uma hominização da Cultura, como escreveu Natália Correia, que vos falo.

Um tempo que adquire o sentido real da força do espírito, reiterada pela força instintiva do que mais convém ao homem, com mais exatidão a cada um. Perceber a presença desse espírito crítico, ou seja, de uma cultura plenamente criativa e autêntica, que premeia todo o espaço da sociedade, é fundamental para a compreensão dos fenómenos do nosso tempo.

Muito obrigado pela vossa atenção.